

Metafonímias em construções do discurso reportado

Aline Gomes Silva Alves
Luciene Fernandes Loures

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar o uso das chamadas metafonímias (metáfora e metonímia ao mesmo tempo GOOSSENS, 2003) dentro de certas construções gramático-discursivas de discurso reportado. O banco de dados utilizado se compõe de textos jornalísticos retirados do site Folhaonline. A hipótese central é a de que os verbos analisados exprimem uma relação metafonímica e foram encontrados em número relevante, o que demonstra seu uso corrente entre os falantes.

Palavras-chave: metáfora; metonímia; metafonímia; interação; construção de discurso reportado.

Introdução

É muito comum haver uma confusão quanto às definições de metáfora e metonímia. No ambiente escolar, muitos professores encontram dificuldades para fazer com que o aluno compreenda essa diferença. Ao pesquisarmos gramáticas escolares usadas no Ensino Médio, nos deparamos com a seguinte situação: para um melhor entendimento dessas figuras de linguagem, o recurso utilizado é a comparação entre elas:

É conveniente tomar um certo cuidado para não confundir metáfora e metonímia. A metáfora se baseia num mecanismo de associação das idéias, de semelhança, de comparação mental. A metonímia, por sua vez, é simples troca de uma palavra por outra. Essa troca só é possível entre palavras que apresentam entre si uma contigüidade (proximidade, vizinhança) de sentido. (FERREIRA, 2003, p. 627)

Ao realizarmos uma busca em sites que auxiliam os jovens em conteúdos escolares, encontramos o mesmo recurso:

metonímia: como a metáfora, consiste numa transposição de significado, ou seja, uma palavra que usualmente significa uma coisa passa a ser usada com outro significado. Todavia, a transposição de significados não é mais feita com base em traços de semelhança, como na metáfora. A metonímia explora sempre alguma relação lógica entre os termos. Observe:
Não tinha teto em que se abrigasse. (teto em lugar de casa).

Após essa constatação, levantamos as seguintes questões: por que essa dificuldade na distinção entre metáfora e metonímia? Se o falante insiste em confundir suas definições, será que as diferenças são mesmo tão grandes? Existem casos em que há a impossibilidade dessa diferenciação? Porque essa insistência em marcar suas diferenças quando pode se tratar de um único fenômeno?

A confusão entre essas figuras de linguagem não é feita ao acaso. A partir da leitura do texto *Metaphonymy*, de Luis Goossens (Goossens, 2003:349-377), pudemos perceber que, em muitas situações, não existem características que sejam exclusivamente metafóricas ou metonímicas. Há, em algumas cenas, uma interseção entre as duas.

O intuito deste artigo é contribuir para elucidar algumas das questões levantadas acima, demonstrando o vasto uso das metafonímias dentro do discurso reportado em textos jornalísticos.

1 – Pressupostos teóricos

Primeiramente, trataremos dos tipos de interação entre a metáfora e metonímia.

O primeiro conceito a ser definido é o de metáfora. De acordo com o dicionário Aurélio, tal figura de linguagem é definida como: “Tropo em que a significação natural duma palavra é substituída por outra com que tem relação de semelhança.” (2007, p.335). Além de figura de linguagem, a metáfora é, também, um processo cognitivo através do qual estabelecemos relação de similaridade entre dois domínios conceptuais diferentes (LAKOFF e JOHNSON, 1980). Como exemplo, temos “Maria é uma flor”, em que MARIA e FLOR pertencem a domínios distintos. (A definição de domínio será dada mais a frente.).

Muito próxima à metáfora, a metonímia também estabelece relações entre domínios, porém um pouco diversos dos da metáfora. No mesmo dicionário citado no parágrafo anterior, encontramos a definição de metonímia como:

Tropo em que consiste em designar um objeto por palavra designativa doutro objeto que tem com o primeiro uma relação de causa e efeito (trabalho, por obra), de continente e conteúdo (copo, por bebida), a parte pelo todo (asa, por avião), etc. (2007:336).

Assim como a metáfora, a metonímia também é tida como um processo cognitivo no qual uma entidade conceptual, o veículo, provê um acesso mental à outra entidade conceptual, o alvo, dentro do mesmo modelo cognitivo (domínio) (LAKOFF e JOHNSON, 1980). Para exemplificar esse processo, podemos citar o seguinte enunciado “Fulano tem cinco bocas para sustentar.”, em que BOCAS se refere a pessoas, que se encontram no domínio de seres humanos.

Como já foi visto, a palavra “domínio” está presente tanto na definição de metáfora quanto na de metonímia, porém são tipos de domínios diferentes. Na metáfora, dois domínios distintos são relacionados, e a distinção é feita a partir da relação semântica que uma palavra tem com a outra. O que acontece na metonímia é o oposto. Nesta, o conceito de domínio é dividido em três tipos: matriz, alvo e fonte, apesar de a metonímia operar dentro de um mesmo domínio cognitivo.

Pode parecer paradoxal a presença de três domínios em apenas um, mas é bem simples de compreender. O domínio matriz é aquele dentro do qual ocorrerá uma ligação entre um dado conceito menos acessível, ou seja, um domínio fonte se liga a um domínio alvo através de uma relação de contiguidade. Como exemplo dessa divisão, temos a frase “O sanduíche de presunto pediu a conta”, em que o domínio matriz é o contexto do restaurante, o fonte é o “sanduíche de presunto” e o alvo é o consumidor que solicitou o lanche. Neste exemplo, assim como na maioria dos casos, o domínio fonte está expresso linguisticamente. O tipo de relação estabelecido entre os domínios na metáfora e na metonímia é diferente, e esta é apenas uma das diferenças principais.

A outra divergência percebida ao longo das explicações é que a metáfora opera em dois domínios conceptuais diferentes, enquanto a metonímia estabelece relação entre conceitos de um mesmo domínio cognitivo. Similaridade e contiguidade são as palavras-chave para compreendermos a relação entre os conceitos desses dois processos cognitivos.

Na metáfora, os dois conceitos estão presentes na frase e a relação dada é de similaridade ou associação, na qual um conceito é independente do outro, porém ligados semanticamente por algum motivo. A relação entre os conceitos na metonímia é de caráter diverso, pois nesta a contiguidade substitui a similaridade, presente na metáfora. Quando falamos em conceitos contíguos, nos remetemos a itens/palavras extremamente dependentes,

próximas. Na verdade, nesse tipo de relação de contiguidade, é como se um conceito continuasse o outro dentro de um domínio específico.

Tanto a metáfora quanto a metonímia são processos cognitivos básicos, portanto podem interagir, formando alguns tipos diversos de interação. Goossens (2002) criou o termo “*Metaphonymy*”, que pode ser traduzido como “Metafonímia”, para abrigar a interação entre esses dois processos acima citados. Ele discute quatro tipos de interação, são eles: (1) metáfora a partir da metonímia; (2) metonímia dentro da metáfora; (3) demetonimização em contexto metafórico; (4) metáfora dentro da metonímia.

O tipo (1) é caracterizado pela metáfora que se constrói a partir da interpretação metonímica de uma dada construção ou expressão. Por exemplo: “‘Sai daqui!’, sorriu ela.”, no qual o sujeito discursivo reporta a fala de outrem, enquadrando a forma como foi dita a frase, como sorriso. A pesquisa e a análise deste trabalho sobre a interação entre metáfora e metonímia recaem sobre o primeiro tipo estudado por Goossens (2002). A metáfora a partir da metonímia será o foco principal deste trabalho.

Independente do tipo de interação, podemos observar uma interpretação metafórica e uma metonímica, em que o nível de convencionalidade de cada uma delas será dado a partir do tipo de interação focalizado. No caso do tipo (1), o exemplo dado por Goossens foi: “Oh dear”, she giggled, “I’d quite forgotten.” (GOOSSENS, 2002, p. 356), no qual a interpretação metonímica é mais clara e acessível que a metafórica, ou seja, a interpretação mais acessível ao ponto de vista do que a expressão lingüística sugere é a metonímica. Como o próprio “nome” da interação diz, é preciso uma perspectiva para se chegar a outra, portanto “metáfora a partir da metonímia”.

Podemos traduzir o exemplo citado como “‘Oh querido’, ela riu, ‘Eu quase esqueci’”, em que a primeira interpretação, metonímica, é a de que ela falava enquanto ria. Assim podemos entender que “RIU” está por “FALOU”, o que caracteriza a metonímia do tipo forma pelo conteúdo, em que rir está no lugar de falar. A partir dessa interpretação podemos pensar, metaforicamente, que FALAR (alvo) é RIR (fonte). Vale ressaltar ainda, que se trata de uma construção de discurso reportado, em que um verbo faz as vezes de outro, no caso, rir substitui falar. Metáfora a partir da metonímia dá a entender que uma expressão figurativa, nesse caso um verbo, funciona como um mapeamento entre dois elementos em dois domínios discretos, mas que a percepção de ‘similaridade’ é estabelecida na base da nossa consciência que A e B são, muitas vezes, ‘contíguos’ dentro de um mesmo domínio. Em outras palavras,

ter a habilidade de rir está pela realização da fala, se considerarmos, em princípio, que temos uma metonímia do tipo habilidade (rir) por realidade (falar).

Além disso, Goossens ainda coloca as “metafonímias” em dois grupos básicos. São eles: “metafonímia integrada” e “metafonímia acumulativa”. No segundo grupo, ele coloca a “metáfora a partir da metonímia”, significando que a metáfora é derivada da metonímia ou vice versa. Dentro dessa classificação, podemos dizer que este é um modelo no qual a base “experencial” para a metáfora é a metonímia, produzindo o que Goossens chama de “metáfora a partir da metonímia”.

A escolha dos verbos não é feita aleatoriamente. Levou-se em consideração a relação semântica que os verbos estabelecem de acordo com a construção. As palavras analisadas representam interações em que o ouvinte ao reportar a fala do outro não utiliza vocábulos (verbos) que expressam apenas o ato de falar (como dizer ou gritar, por exemplo), mas utiliza aqueles que representam o modo como a fala foi expressa. A utilização do verbo “disparar”, por exemplo, demonstra que o falante pode ter feito uma declaração agressiva ou polêmica, mas este aspecto só pode ser observado quando o verbo interage com uma construção que permita essa interpretação.

Dentro da perspectiva gramatical, podemos nos remeter ao estudo de construções gramaticais feito por Goldberg (1995), que esclarece alguns aspectos da relação construção-verbo aqui analisadas. No trabalho supracitado, a pesquisadora explica que uma construção **C** pode ser considerada uma construção se **C** for um par forma-significado, tal que algum aspecto da forma ou do significado não possa ser estritamente preditivo de um de seus componentes ou de outras construções preestabelecidas.

As construções por nós estudadas pertencem a uma classe específica, pois seus verbos, na maior parte dos casos, não seguem a transitividade prototípica. Na estrutura das construções de discurso reportado estudadas, os verbos têm seus argumentos, mas seu argumento interno é toda a frase reportada, e o argumento externo é o autor da frase reportada, expresso ou não na construção. Goldberg ainda esclarece que os verbos e as construções são inter-relacionados, mas independentes. Podemos dizer que, num eixo paradigmático, vários verbos podem ser colocados numa construção, interagindo com esta e assumindo a configuração selecionada pelos itens que a compõem. Essa configuração vai ser estabelecida a partir da interação semântica e sintática entre os componentes da nova construção.

Outro tópico importante, encontrado no trabalho de construções, é a questão da focalização. Em construções do tipo: “‘Oh querido’, ela riu, ‘Eu quase esqueci’”, o verbo *rir* exerce a função dos verbos *dizer* ou *falar*, em outras palavras, um verbo vicário (que faz as vezes de outro), expressa uma característica da fala, focalizando um aspecto relevante da cena reportada. No texto de Goldberg, a noção de focalização é ilustrada pela relação do triângulo retângulo com a hipotenusa, em que o triângulo representa todo o discurso, e a hipotenusa, o aspecto focalizado pelo verbo vicário.

2 – Metodologia

Para este artigo, inicialmente, fizemos a leitura do texto *Metonymy* de Klaus-Uwe Panther e Linda L. Thornburg (2007), através do qual pudemos perceber como a metonímia é um fenômeno largamente estudado e muito amplo.

O tópico cinco desse primeiro texto (*Metonymy and Metaphor*) é dedicado às interações entre metáfora e metonímia. No capítulo, os autores expõem como essas duas figuras interagem em complexos caminhos, e um desses caminhos é a “metafonímia”.

A partir da leitura inicial de Klaus Uwe Panther e Linda L. Thornburg (2008), descobrimos essa nova interação apresentada por Louiss Goossens. Em seu texto (*Metaphotonymy*), Goossens relata um tipo de interação, a *metáfora a partir da metonímia* (*metaphor from metonymy*), em que na metonímia o domínio fonte e o domínio alvo se ligam naturalmente em uma cena complexa, podendo produzir, então, uma metáfora.

Através de uma das frases usada como exemplo pelo pesquisador, “‘Oh dear’”, *she giggled*, “‘I’d quite forgotten’”, notamos que dentro do discurso reportado poderia também estar presente essa mistura entre metáfora e metonímia. Os verbos nesse caso expressam uma característica do modo de falar ou de dizer, mas não são verbos que expressam a ação de “falar”, simplesmente, como gritar, pedir, ou dizer, por exemplo.

Para nos orientar no referente às explicações gramaticais da estrutura de construções do discurso reportado, utilizamos o texto de Adele E. Goldberg sobre a Gramática das construções. Por meio desse texto pudemos esclarecer a natureza da interação entre construção-verbo, assim como pudemos entender a interação entre as figuras de linguagem aqui focalizada.

A busca desses verbos foi realizada no instrumento de busca do site *Folhaonline*, que disponibiliza os textos, *on-line*, das reportagens do jornal Folha de São Paulo. Em cada busca, delimitamos as dez primeiras páginas para análise, sendo elencadas dez frases por página.

Foram analisados sete verbos: *rir*, *disparar*, *rebater*, *brincar*, *reclamar*, *ironizar* e *cochichar*. Sendo que para o verbo *rir* foram encontradas 2 ocorrências, para o verbo *disparar* foram 8 ocorrências, para o verbo *rebater* foram 11 ocorrências, para o verbo *brincar* foram 56 ocorrências, para o verbo *reclamar* foram 21 ocorrências, para *ironizar* foram 39 e para *cochichar* foram 51 ocorrências. Totalizando, obtivemos um corpus com 188 ocorrências.

Devemos ressaltar que a análise aqui realizada é mais qualitativa do que quantitativa, apesar do número relevante na ocorrência de alguns verbos. Os verbos foram analisados fora e dentro do contexto lingüístico do discurso reportado, no que se refere ao significado e à sua transitividade. Para isso, utilizamos o dicionário Aurélio eletrônico para nos auxiliar nas definições e na transitividade dos verbos.

3 – Análise

Primeiramente, apresentamos o sentido dos verbos fora do contexto lingüístico analisado, ou seja, seu sentido denotativo, bem como sua transitividade, para logo em seguida analisarmos o mesmo dentro do discurso reportado no texto jornalístico.

A seguir apresentamos uma tabela com os verbos analisados e suas ocorrências:

Verbos	Ocorrências
Riu	2
Disparou	8
Rebateu	11
Brincou	56
Reclamou	21
Ironizou	39
Cochichou	51

O primeiro verbo analisado foi o verbo *disparar*. De acordo com o dicionário Aurélio eletrônico (2007), o significado literal desse verbo é *atirar, lançar, arremessar, arrojor, jogar*. Analisando dentro do contexto do discurso reportado, temos outro significado:

“Jarbas disparou críticas ao líder do PMDB no Senado, Renan Calheiros (AL), e ao presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP). O senador disse que vai manter sua prática de não participar de nenhuma reunião da bancada do PMDB presidida por Renan no Senado. “É uma posição de autodesconforto. Eu sequer vou mais à reunião do partido, sobretudo agora, comandado pelo Renan”, afirmou.

Percebemos claramente que o verbo adquire outra significação e outra transitividade. O verbo, nesse caso, se adapta ao contexto e à frase, e expressa a maneira com que o falante reporta a oração encaixada. Aqui podemos verificar que, ao transpor a fala do senador no discurso indireto, o jornalista teve a intenção de reportar o quão polêmicas foram as afirmações de Jarbas. Esse padrão de “polêmica” foi observado em todas as frases analisadas em que o redator usou o verbo *disparar*, em contexto de discurso reportado.

No contexto da primeira oração analisada [“Jarbas disparou críticas ao líder do PMDB no Senado (...)”], podemos inferir que “disparou” substitui “falar”, ou seja, um aspecto da capacidade de disparar, não parar ou lançar subitamente representa o todo, sendo, portanto, uma metonímia do tipo habilidade por realidade (forma pelo conteúdo). Chegamos, então, na metáfora “falar” é “disparar” (discussão é guerra), a partir da interpretação metonímica. Percebemos que há uma interseção de características metafóricas e metonímicas na construção: a relação de contiguidade é estabelecida partindo da idéia de que o verbo “disparar” continua o sentido do verbo “falar”, faz as vezes do verbo “falar”, que nos leva à relação de similaridade. Dessa maneira, temos a metafonímia, “metáfora a partir da metonímia”.

A análise dos demais verbos utilizados na pesquisa é feita da mesma maneira: “rir” por falar “falar” > “rir” é “falar”; “rebater” por “falar” > “rebater” é “falar”; “brincar” por “falar” > “brincar” é “falar”, exemplificando e reforçando a existência das “metafonímias” estudadas por Goossens. Devemos salientar que cada verbo não foi usado com um sentido diferente do habitual de maneira não intencional.

O verbo rir demonstra a expressão do falante ao pronunciar a fala:

“Quanto à provocação de Chávez contra ele, dizendo que ficara decepcionado com sua fala de apenas cinco minutos sobre a Casa

(Comunidade Sul-Americana de Nações), **Garcia riu**: "Vocês entenderam errado. Ele reclamou que eu só tive cinco minutos para falar".

No dicionário, o verbo rir é definido como *demonstrar alegria, prazer, divertimento, ironia, etc., com expressão facial e som característicos*, porém, na frase citada, ele assume o sentido solicitado pela construção que integra. Aqui, o verbo rir faz as vezes do verbo falar, ao mesmo tempo que atribui uma especificidade (característica) à fala reportada, ou seja, Garcia falou rindo, expresso simplesmente por “**riu**”.

No exemplo dado por Goossens, o verbo *giggled* expressa muito mais do que o simples ato de rir. Tal verbo quer dizer “dar uma risadinha”, rir a miúdo, rir furtivamente. Em português, os verbos não têm características tão específicas em seus significados, mas no contexto analisado nas frases eles perdem um pouco do seu sentido denotativo e se adaptam ao contexto em que estão sendo utilizados. Ao levarmos em consideração a construção como um todo, podemos perceber que os verbos analisados podem ser substituídos por outros verbos que também expressariam a característica da fala dentro desse contexto. No eixo sintagmático, as construções têm a mesma configuração, o que as diferencia é o verbo utilizado. No quadro a baixo, temos um exemplo:

<i>“Também tem muito talento, mas se acha modelo e é feio”,</i>	Brincou. ’
	Riu. ’
	Disparou. ’
	Rebateu. ’
	Reclamou. ’
	Ironizou. ’
	Cochichou. ’

A frase do quadro acima exemplifica a questão da interação *verbo-construção* que, como pudemos observar, se configura a partir do todo que a compõe. Um mesmo verbo pode ter vários significados em construções diversas, nos exemplos estudados os verbos apresentam um aspecto adicional no seu sentido, à medida que interagem com construções sintática e

semanticamente diferentes. A estrutura argumental do verbo vai ser definida a partir da interação deste com a construção, instanciando novos usos.

No caso de rebater, é demonstrado que o falante responde de maneira áspera, ou seja, uma reação imediata a uma possível acusação/afirmação feita: “Ao ouvir do biógrafo que ela estava bem no filme, **ele rebateu**:

"Talvez. Ao menos consegui jogar a novata na água”.

A primeira definição do verbo “rebater” encontrada no dicionário é um tanto lógica: “Bater de novo”, mas na frase acima ele assume um outro sentido, “responder ou contestar (afirmação, etc.)”. Como “rebateu” está por “falou”, assim como o está “disparou”, retomamos a mesma idéia de que discursão é guerra, combate.

O verbo “brincar” expressa que o falante queria dar um tom divertido ou de pouca seriedade, descontraído sobre o que foi dito: ‘Questionado sobre a volta do câncer, Alencar brincou:

"É um tumor bravo. Sou da roça e estou acostumado a montar em cavalo bravo.”.

O verbo “brincar” não é comumente usado nessa situação, aqui, ele substitui o verbo “falar” ou “dizer”, mas ao mesmo tempo atribui características adicionais à fala reportada, o que torna a construção um exemplo de interação entre metáfora e metonímica. A compreensão da frase se dá por meio de um processo cognitivo quase involuntário, ao identificarmos que “brincou” está por “falou”, ou seja, aquele faz as vezes deste, podemos chegar facilmente à interpretação de que brincar é falar (lembrando que linguagem é relacionada cognitivamente com jogo. Ex.: jogo de palavras). O que nos está dado é a metonímia, a partir da qual chegamos à interpretação metafórica. O mesmo vale para os verbos “reclamar” e “ironizar”, que também passam pelo processo de reconhecimento da metonímia para depois passar à identificação da metáfora, concretizando a metáfora a partir da metonímia. Alguns exemplos são:

"Agora, ninguém mais está vendendo carnes e quem sofre também é o consumidor. Na minha avaliação, houve uma quebra do direito privado e também uma quebra de sigilo fiscal dessas empresas. O MP não agiu de modo próprio, mas inspirado pelo Greenpeace", reclamou.

Paes **ironizou**: "Bem, a minha proposta não vai congestionar tanto o tráfego aéreo da ... aéreo da minha cidade. Pretendo contratar agentes para fiscalizar as casas". O peemedebista também **ironizou** a idéia de a população e guardas municipais usarem patinetes.

O último verbo listado foi o verbo “cochichar”, que significa em sentido literal *falar em voz baixa, murmurar*, ou seja, expressa uma característica da fala. No exemplo:

“Nem bem o petista virou as costas, o prefeito **cochichou**: -Eu só disse isso porque ele é o líder do governo.”

De todos os verbos coletados, “cochichar” é o que mais se aproxima do “*giggle*”, utilizado Goossens (2003), no que se refere ao significado. As características semânticas de cochichar facilitam o processo de reconhecimento da metáfora a partir da metonímia. A facilidade de entendimento do exemplo com o verbo “cochichar” se dá quando percebemos que ele carrega uma característica específica da fala reportada por si só. Num primeiro momento interpretamos que cochichar é uma característica da fala, ou seja, “cochichar” por “falar”, que nos leva à interpretação metafórica de que “cochichar” é “falar”.

Da mesma forma que os verbos aqui estudados exemplificam o tipo de interação entre metáfora e metonímia por nós escolhido, outros verbos muito utilizados no contexto de discurso reportado também o fazem.

Considerações finais

O objetivo principal desse trabalho foi encontrar e explicar as “metafonímias” do tipo (1) **metáfora a partir da metonímia**, estudadas por Goossens(2003), em construções do discurso reportado em português do Brasil. A partir do corpus elencado e da análise feita, confirmamos que a interação por nós escolhida está presente em número considerável no contexto do discurso reportado, direto ou indireto.

Como apontamos na introdução, a questão do ensino da metáfora e da metonímia pode e deve ser revisitada a partir dessa nova perspectiva de análise. Além da questão do ensino, algumas das outras indagações levantadas na primeira parte desse trabalho poderão ser explicadas e exemplificadas segundo as teorias e análises propostas aqui.

Após conhecermos mais a fundo a metáfora e metonímia, pudemos compreender melhor as tradicionais “figuras de linguagem”, que como vimos são muito mais do que simples recursos lingüísticos e estilísticos. Na perspectiva da ciência da linguagem, estes dois processos são processos cognitivos.

Além disso, ao estudarmos as ocorrências das construções “metafonímicas”, percebemos o quanto estas estruturas são utilizadas inconscientemente pelo falante nativo do português. O número de ocorrências registrado nesse presente trabalho nos alerta sobre a necessidade de voltarmos nossa atenção para o estudo da metáfora e da metonímia como processos cognitivos que não podem ser analisados nem definidos sem que um se aproxime claramente do outro.

Referências:

- FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Mini Aurélio Eletrônico**. Editora Positivo, 2007.
- GOLDBERG, Adele E. **Constructions: a construction grammar approach structure**. The University of Chicago Press, 1995. p. 1-66.
- GOOSSENS, Louis. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. In.: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf (Ed.). **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 349-377.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- PANTHER, Klaus-Uwe; THORNBURG, Linda. Metonymy. In.: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (Ed.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007. p. 236-263.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário da Língua Portuguesa**. Coordenação de edição Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; 6ª ed. rev. atualiz. Curitiba: Positivo, 2004. 896p.